

Brasilienses negam o preconceito

Muitos brasilienses dizem não ter preconceito e assumem que votam em mulheres, desde que atendam às suas expectativas políticas. "Acho que este preconceito já acabou; hoje homem e mulher é tudo igual. Se for do partido que eu gosto, voto mesmo", disse o chaveiro José Carlos, apesar de admitir que nessas eleições não vai votar em nenhuma mulher.

A universitária Marina Praia acredita que uma mulher na política deve ser encarada com normalidade. "Não existe nada de excepcional numa mulher que queira ingressar na vida política. Eu gostaria de viver numa época em que realmente estivéssemos em condições de igualdade, enquanto isso é impor-

tante que a mulher lute para garantir seu espaço".

Tânia Machado, secundarista, acha que a mulher não está preparada para um cargo público. "Ninguém leva muito a sério uma mulher na política. Eu não votaria em uma candidata. Acho que é porque já estou acostumada em ver sempre o homem no poder".

O publicitário Ptolomeu Cerqueira acredita que a mulher que escolhe a política deve ter uma personalidade forte e muita coragem porque, caso contrário, não consegue impor respeito. "Não pode ser uma Cicciolina, tem que ser uma Margaret Thatcher".

Eva Faleiros, professora universitária e presidente do Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente, avalia que a discriminação contra a mulher em todos os níveis, principalmente no político, é histórica. "Nós sempre estivemos excluídas de tudo que é público. A mulher foi confinada ao doméstico, ao privado. Recentemente ganhamos maior credibilidade e nos lançamos na disputa de cargos importantes. Mas ainda hoje a presença feminina é reduzida, é quase como uma concessão". A professora disse que embora se considere feminista, não vota em alguém só por ser mulher. "Meu voto é ideológico, voto em quem tenho identidade política".